



O FEMINISMO-LESBIANO EM MONIQUE WITTIG
THE LESBIAN-FEMINISM IN THE MONIQUE WITTIG

Patrícia LESSA¹

RESUMO:

O lesbianismo foi tema central nos estudos, teorias e escritos de Monique Wittig (1935-2003). O lesbianismo é, para autora, o único conceito além das categorias homem e mulher; é um conceito revolucionário. *La Contrainte à l'hétérosexualité et la existence lesbienne*, de Adrienne Rich, escrito em 1981, é um texto com teor semelhante aos escritos de Wittig. Sua discussão parte do pressuposto de que dentro da heterossexualidade compulsória cria-se uma percepção da existência lesbiana. Enquanto as precursoras do movimento feminista dos anos 1960-1970 preocupam-se com a análise dos mecanismos de dominação, as feministas dos anos 1970-1980, a exemplo de Monique Wittig irão questionar a naturalização da maternidade e a heterossexualidade obrigatória. A lesbiandade é elevada ao estatuto de conceito revolucionário nos seus escritos.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo, Lesbiandade, Monique Wittig

ABSTRACT:

Lesbianism was a chief issue in Monique Wittig's (1935-2003) studies, theories and writings. According to the author, the concept of lesbianism is the only one which goes beyond the categories of man and woman; it constitutes a revolutionary concept. *La Contrainte à l'hétérosexualité et la existence lesbienne*, by Adrienne Rich, written in 1981, presents a similar content to Wittig's. Her discussion is founded on the idea that the perception of a lesbian existence is created within the compulsory heterosexuality. While the founders of the 1960-1970s feminist movement are more concerned with an analysis of the domination mechanisms, the 1970-1980s feminists, like Wittig, questioned the naturalization of maternity and the obligatory heterosexuality. The lesbianism is then raised to the status of a revolutionary concept in its writings.

KEY WORDS: Feminism, Lesbianism, Monique Wittig.

Monique Wittig (1935-2003), escritora, poetiza e militante lésbica-feminista, nasceu em Dannemarie na França, estudou na Universidade de Paris, trabalhou na Biblioteca Nacional de Paris e em uma editora. Traduziu Herbert Marcuse para o francês, foi colaboradora juntamente com Simone de Beauvoir e com Christiane Delphy da revista *Questions Feministes*. Dentre seus escritos mais conhecidos, listamos: *L'Opoponax* (novela, 1964), *Les Guerrillères* (novela, 1969), *Le Corps Lesbien* (poesia, 1973), *Le Voyage sans fin* (teatro), *La Pensée Straight* (ensaio, 1978) e *One is not Born a Woman* (1980). Diz ALAYA FM (2003: 33):

¹ Docente do Departamento de Fundamentos da Educação Universidade Estadual de Maringá / Uem – Doutoranda Em História Na Área De Estudos Feministas Na Universidade De Brasília / Unb. mafalda_ct@yahoo.com.br

Polêmica e transgressora Monique Wittig nasceu na França e se exilou nos Estados Unidos no final dos anos 70, foi uma lesbiana que revolucionou o movimento feminista com seus escritos políticos, filosóficos e de crítica literária. Teórica do feminismo materialista denunciou o mito 'da mulher', e da maternidade e denunciou a heterossexualidade como regime político ao qual, entende ela, as lesbianas recusam submeter-se.²

O lesbianismo foi tema central nos seus estudos, teorias e escritos. Participou do *Mouvement de Liberation des Femmes* (MLF), do primeiro grupo lesbiano em Paris, o '*Les Gouines Rouges*', em 1972, e, em 1974 propôs a criação do '*Front Lesbien*' (BONNET, 2004: 3).

Em sua reflexão teórica, retoma algumas discussões de Beauvoir que dizia que “não se nasce mulher” na tentativa de entender as mulheres como seres históricos e sociais e não puramente seres biológicos. O construcionismo-existencialista de Beauvoir parte da premissa hegeliana que ‘ser é ter-se tornado’. A autora problematiza a condição naturalizada das mulheres. Inicia o livro ‘O segundo sexo’ perguntando: “em verdade, haverá mulher? Sem dúvida, a teoria do eterno feminino ainda tem adeptos” (BEAUVOIR, 1966: 7), sua frase claramente questiona o mito da feminilidade colocando em funcionamento as discussões teóricas da época:

As ciências biológicas e sociais não acreditam mais na existência de entidades imutáveis fixadas que definiriam determinados caracteres como os da mulher, do judeu ou do negro; consideram o caráter como reação secundária a uma *situação*. Se hoje não há mais feminilidade é porque nunca houve (BEAUVOIR, 1966: 8).

A categoria “mulher” é questionada em Beauvoir ao sugerir que não se nasce mulher, mas torna-se; ela propõe que ‘mulher’ seja uma construção social e histórica e não natural. A naturalização das mulheres implica acreditar em características inatas e imutáveis que servem para reforçar argumentos em torno da fragilidade, vulnerabilidade, docilidade, passividade dentre outras que as excluem de domínios que exigem força e competitividade.

Wittig endossa essa discussão e vai além afirmando: “uma lésbica não é uma mulher” (WITTIG, 2002: 4), pois, ser mulher é estar inserida no domínio heterossexista. Seus argumentos podem ser pontuados da seguinte forma: 1) a lesbiana não é uma mulher, pois não está inserida na relação heterossexual; 2) o discurso opressor é o discurso da heterossexualidade; 3) as lesbianas escapam à programação inicial, não se submetendo à hierarquização heterossexista; o lesbianismo é, para autora, algo que se situa além das categorias homem e mulher; é um conceito revolucionário.

Em '*On Is Not Born a Woman*' (1981), o feminismo materialista é apontado como importante referência para a discussão da constituição das mulheres como grupo natural. O ensaio põe em discussão o ‘mito da mulher’: a idéia de natureza, segundo a autora, foi estabelecida para definir as mulheres como ‘grupo natural’ já que tanto seus corpos como suas mentes viriam a caracterizar algo já dado, preestabelecido. A opressão contra as mulheres consiste na argumentação de que elas já nascem prontas, sua capacidade de procriar as define. A definição é, portanto, presa à categoria de sexo, sua divisão em homens e em mulheres reporta à explicação biológica. Para Wittig (1992), ao ser feita essa conversão “naturaliza-se a história e se passa a crer que homens e mulheres sempre existiram e sempre existirão do mesmo modo” (WITTIG, 1992: 10-11).

² Tradução Livre: “Polémica y transgresora, Monique Wittig nació en Francia y se exilió en los EEUU a finales de los 70, fue una lesbiana que revoluciono el movimiento feminista con sus escritos políticos, filosóficos y de crítica literaria. Teórica del feminismo materialista, denunció el mito de ‘la mujer’, el de la maternidad y puso en tela de juicio la heterossexualidad como régimen político al cual, entiende ella, las lesbianas rechazan someterse” (ALAYA, 2003: 33).

A consequência que Wittig (1992) vê ao naturalizar-se a história é que se naturalizam os fenômenos sociais de opressão das mulheres, como por exemplo: a maternidade, que é vista como única atividade produtiva feminina, sem que o caráter de controle sobre seus corpos seja percebido. Sua argumentação sobre a opressão das mulheres é exemplificada com uma referência ao trabalho de Colette Guillaumin, para quem, antes da realidade socioeconômica da escravidão dos negros pelos brancos, não existia o conceito de raça; esse conceito com seu significado moderno foi, portanto, criado com a escravidão para justificá-la. Assim, também mulheres e homens tiveram de ser constituídos em mulheres e em homens através de uma sofisticada construção e formação imaginária. Para que sejam vistos como mulheres ou como negros, antes de serem vistos, tiveram de ser criados enquanto tal. Nesse sentido é que Wittig aponta as lésbicas como um afrontamento à naturalização das mulheres (WITTIG, 1992: 11-12)

As lésbicas lembradas e reconhecidas como ‘antinaturais’, pois não estão à disposição dos homens e se recusam à posição de submissão a eles, foram marcadas pelo estigma de não serem ‘mulheres reais’ e, ao mesmo tempo, ‘quererem ser homens’. Diz Wittig (1992: 12):

Foi uma restrição política, e aquelas que resistiram à essa restrição foram acusadas de não serem mulheres de ‘verdade’. Mas ficamos orgulhosas disso, vendo que na acusação já existia algo como uma sombra de vitória: o aval dos opressores dizendo que ‘mulher’ não é algo que acontece por acaso, sendo que para ser uma, precisa-se ser ‘verdadeira’. Fomos, ao mesmo tempo, acusadas de quereremos ser homens. Hoje, essa dupla acusação renovou-se no contexto do movimento de liberação das mulheres por algumas feministas e também, infelizmente, por algumas lésbicas que parecem ter como objetivo político se tornarem cada vez mais femininas³ (WITTIG, 1992: 12).

Para Wittig (1992), recusar-se a ser mulher não significa querer tornar-se homem. Cita o exemplo da *Butch*, a mulher vista socialmente como ‘masculina’, que causa horror e provoca uma certa repulsa social e, mesmo assim, ao querer tornar-se homem, ela está “escapando da programação inicial” (WITTIG, 1992: 12). A fabricação das mulheres no quadro de pertencimento à classe dos homens é o que indica que as lésbicas não podem ser mulheres nos termos assim impostos. Também não pode tornar-se um homem, pois isso exigiria a consciência de que eles dispõem das mulheres como suas ‘escravas naturais’. A opressão lésbica consiste em que as mulheres estão fora do alcance dos homens, não pertencem a eles, têm de ser qualquer outra coisa, como um não-homem, um produto da sociedade, não um produto da natureza como as mulheres, por isso acusadas de antinaturais, aberração, desvio (WITTIG, 1992: 12-13).

A discussão de Wittig interessa sobremaneira em minha pesquisa já que focalizo a materialidade dos discursos lesbianos, que, em suas lutas e embates políticos constroem uma corporeidade lesbiana. As lésbicas ao se recusarem tornarem-se ou mesmo permanecerem heterossexuais se recusam a tornarem-se homens ou mulheres. De forma consciente ou não, essa recusa é, para Wittig, uma frente de luta feminista, é uma recusa com implicações políticas. Para ela, as categorias homem e mulher não são naturais, mas políticas. A autora faz uma crítica às correntes feministas que acreditam nas teses darwinistas da evolução, a crença no curso ‘natural evolutivo’, no qual as mulheres eram menos evoluídas que os homens e, quando ambos divergiram, houve como consequência a polaridade como reflexo natural desse curso.

Sua crítica é de que as teses científicas serviram em grande medida para criar o fracasso feminino, a inferioridade feminina e reforçar o ‘mito da mulher’. A tese da igualdade na diferença é, para Wittig, uma armadilha na qual caíram as feministas do início do século XX, elas mesmas

³ Tradução livre: “*It was a political constraint, and those who resisted it were accused of not being ‘real’ women. But then we were proud of it, since in the accusation there was already something like a shadow of victory: the avowal by the oppressor that ‘woman’ is not something that goes without saying, since to be one, one has to be a ‘real’ one. We were at the same time accused of wanting to be men. Today this double accusation has been taken up again with enthusiasm in the context of the women’s liberation movement by some feminists and also, alas, by some lesbians whose political goal seems somehow to be becoming more and more ‘feminine’*” (WITTIG, 1992: 12).

deixaram em suspenso as contradições entre natureza/cultura – mulher/sociedade. Ela coloca-se, então, frente a uma nova luta: uma luta política para derrubar as categorias de mulheres e de homens como classe uniforme, natural e imutável (WITTIG, 1992: 20). É interessante observar que a autora sempre associa as categorias econômicas, políticas e ideológicas como forma de combater os argumentos de que algo no corpo pode ser imutável, de que o biológico pode fornecer dados sobre os seres humanos fora dos aspectos construídos. Sua missão neste ensaio foi destruir ‘a mulher’ como ser natural ou como classe uniforme e a-histórica, destruir simultaneamente o lesbianismo como categoria de sexo recolocando-o como categoria política revolucionária, pois lésbica é, para Wittig, o único conceito que está além das categorias de sexo:

Nós somos fugitivas de nossa própria classe da mesma maneira que muitos escravos americanos fizeram para escapar da escravidão e se tornar livres. Para nós trata-se de uma necessidade absoluta; nossa sobrevivência exige que contribuamos com toda nossa força para a destruição da classe de mulheres que se tornam propriedade dos homens. E isso pode ser alcançado somente com a destruição da heterossexualidade como um sistema social que se baseia na opressão das mulheres pelos homens e que produz a doutrina da diferença entre os sexos como justificativa para essa opressão (WITTIG, 1992: 20)⁴.

O lesbianismo como categoria política é mais fortemente defendido em outro ensaio intitulado *‘The Straight Mind’*, publicado em 1980, dedicado às lesbianas americanas e lido pela autora durante a realização da Convenção da Associação de Linguagem Moderna realizada em 1978, em Nova Iorque. Uma crítica às correntes estruturalistas é encontrada na análise que Wittig faz sobre o trabalho de Barthes, de Lacan e de Levi-Strauss. Barthes regrediu em suas teses sobre semiologia; para Wittig, a semiologia política é uma arma útil na análise da ideologia, mas em vez de Barthes introduzir na semiologia outros conceitos, ele a reduz a um ‘ramo da lingüística’ e toma a linguagem como seu único objetivo. O mundo torna-se então um simples registro. Essa linguagem ou esses discursos produz uma “estática confusão para o(a)s oprimido(a)s, que o(a)s faz perder de vista a causa material de sua opressão e o(a)s lança numa espécie de vácuo a-histórico” (WITTIG, 2002: 1). O mundo torna-se, então, registro literal de signos que escapam às ideologias e, por isso, a opressão não é vista em sua materialidade pelo conjunto teórico da lingüística de Barthes.

A crítica ao pensamento lacaniano é que a psique é igualmente intocada pela história, não trabalha com os conflitos de classe, mas com símbolos impostos através da terapia e de teorização: “ensinaram-nos que o inconsciente, com perfeito bom gosto, se estrutura por metáforas, por exemplo, o nome-do-pai, o complexo de Édipo, a castração, o assassinio-ou-morte-do-pai, a troca de mulheres, etc” (WITTIG, 2002: 1). O Inconsciente organiza e interpreta as manifestações psíquicas que são decifradas pelos especialistas, que a autora questiona: ‘quem lhes deu esse conhecimento?’. Para Wittig, a psicanálise e a Inquisição igualam-se ao fazerem as pessoas repetirem eternamente aquilo que ela quer ouvir, ou seja, suas próprias criações:

Dizem que isto pode durar uma vida inteira. Cruel contrato que constrange um ser humano a exhibir seu infortúnio a um opressor que é diretamente responsável por este infortúnio, que o (a) explora econômica, política e ideologicamente e cuja interpretação reduz esse infortúnio a umas quantas figuras de linguagem (WITTIG, 2002: 1-2).

⁴ Tradução livre: “*We are escapees from our class in the same way as the American runaway slaves were when escaping slavery and becoming free. For us this is an absolute necessity; our survival demands that we contribute all our strength to the destruction of the class of women which men appropriate women. This can be accomplished only the destruction of heterosexuality as a social system which is based on the oppression of women by men and which produces the doctrine of the difference between the sexes to justify this oppression*” (WITTIG, 1992: 20).

A ação material da ciência e da teoria se expressa em forma de conhecimentos, em formas unilaterais de apreensão do mundo. Os discursos opressores falam sobre os oprimidos (lésbicas, mulheres e homens homossexuais) alegando dizerem a verdade em um campo apolítico. Cita o exemplo da pornografia: as imagens pornográficas distribuídas pelas ruas das cidades constituem um discurso, que cobre o mundo com signos e que tem um significado muito claro: o de que as mulheres são dominadas. Esse campo discursivo apolítico não pode ser reduzido ao plano ideológico, pois existe uma opressão que é material:

A nossa recusa da interpretação totalizante da psicanálise faz com que os teóricos digam que estamos a negligenciar a dimensão simbólica. Estes discursos negam-nos toda a possibilidade de criar as nossas próprias categorias. Mas a sua ação mais feroz é a implacável tirania que exercem sobre os nossos seres físicos e mentais. Ao recusarmos o termo demasiado genérico 'ideologia' para designar todos os discursos do grupo dominante, relegamos estes discursos para o domínio das Idéias Irreais; esquecemos a violência material (física) que diretamente fazem contra as pessoas oprimidas, violência essa produzida pelos discursos abstratos e 'científicos', assim como pelos discursos do *mass media*. Gostaria de insistir na opressão material dos indivíduos pelos discursos, e gostaria de sublinhar os seus efeitos imediatos através do exemplo da pornografia (WITTIG, 2002: 2).

As lésbicas têm suas experiências reduzidas ao comunicado da situação psicanalítica, seus testemunhos políticos não são relevantes frente ao discurso científico do tratamento e da cura, enquanto que o discurso que se encerra no divã serve como modelo a ser examinado como verdade. A crítica de Wittig é dirigida aos discursos científicos modernos e às ciências sociais, cujos poderes são exercidos através do silenciamento de vozes sociais. A voz dos oprimidos é confrontada com o discurso científico, enquanto a primeira é relegada a um discurso ingênuo, a voz da ciência é considerada a voz da verdade. Sua crítica é dirigida aos discursos da verdade, que funcionam através de um aglomerado de conceitos, disciplinas, teorias e idéias nomeadas pela autora de: 'pensamento hetero'⁵. Categoria discursiva que remete ao pensamento de Levi-Strauss, em "o Pensamento Selvagem" (WITTIG, 2002: 2-3): "o pensamento hetero desenvolve uma interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e simultaneamente de todos os fenômenos subjetivos" (WITTIG, 2002: 3). O pensamento hetero é o produtor da diferença entre os sexos e é tomado como dogma político e filosófico. Esse pensamento totalizante fornece uma interpretação única para a história, a cultura, a realidade social e para a linguagem. Como consequência, Wittig aponta que esse pensamento não concebe como cultura ou aspecto social uma relação que não é ordenada pelo imperativo da heterossexualidade, não concebe outras produções de conceitos que não as suas próprias, e não concebe processos que escapam aos fenômenos da consciência (WITTIG, 2002: 3).

A diferença dos sexos serve como reforço para a manutenção da heterossexualidade e oculta os conflitos de interesse e os conflitos ideológicos. Nicole Claude Mathieu é citada por criar a definição de sexo social. É com o intuito revolucionário que Wittig retoma a pergunta de Beauvoir: o que é a mulher? 'A Mulher' sendo um mito criado no quadro de pensamento hetero, do pensamento dominante, hierarquizante e opressor, não deve servir como conceito útil para as lesbianas, por isso, termina a autora: "as lésbicas não são mulheres" (WITTIG, 2002: 5). As lésbicas no conceito wittigiano estão além dos conceitos de gênero, escapam à dominação masculina imposta através da heterossexualidade.

Lauretis em seu texto 'Quando as lésbicas não eram mulheres', publicado na Revista Eletrônica Labrys, Estudos Feministas diz ter encontrado com Wittig em 1980 na Califórnia do Norte, depois de ler três obras que abriram sua mente para um espaço virtual conceitual onde um tipo de mulher apareceu a qual ela nomeou 'sujeito excêntrico'. Diz: "o sujeito excêntrico não é somente o desviante do trajeto convencional, normativo, mas que se centrou na instituição que suporta e produz o pensamento hetero, a instituição da heterossexualidade". A lesbiana em Wittig é o self-deslocado ou

⁵ O 'straight mind' ou o 'pensamento *straight*' foi desenvolvido por Wittig no ensaio 'La Pensée Straight' (1978) para pensar os discursos construtores da heterossexualidade como a sexualidade legitimada pelo social.

desidentificado das suposições culturais e práticas sociais construídas nas categorias ‘gênero e sexo’, é o único conceito além das categorias de sexo, por que a lésbica não é uma mulher (econômica, política ou ideologicamente). O que faz uma mulher é a sua construção com relação aos homens, relação de subserviência (deveres conjugais, produção de filhos), para Wittig, a consciência da opressão é uma prática subjetiva, cognitiva.

A ação política das lesbianas pode nos oferecer pistas para pensar no confronto dos discursos que constroem um corpo normatizado, construído enquanto heterossexual e na corporeidade política, que se afirma como ação reivindicatória, por exemplo, a reivindicação em torno de identidades móveis. Nesse sentido, o trabalho de Wittig é importante instrumental teórico para pensar a corporeidade lesbiana, pois, ela, assim como Rich, questiona a naturalização da maternidade, a heterossexualidade obrigatória e a lesbiandade é perspectívada como um conceito revolucionário.

La Contrainte à l'hétérosexualité et la existence lesbienne, de Adrienne Rich, escrito em 1981. Rich expõe duas questões que nortearam suas preocupações. A primeira: “como e porque a escolha feita pelas mulheres de gostar de outras mulheres como companheiras e amantes, de compartilhar suas vidas, suas paixões, seus trabalhos, ou de viver em tribo com elas” (RICH, 1981: 16)⁶. A escolha de viver entre mulheres terá implicações, pois, para essa autora, “essa escolha foi mal vista, invalidada, condenada à clandestinidade ou à mentira” (RICH, 1981: 16)⁷. Na segunda preocupação, ela se interroga sobre: “a omissão total ou quase, da existência lésbica em todas as espécies até mesmo dos escritos feministas” (RICH, 1981:16)⁸. Questão crucial é a invisibilidade das lesbianas registrada nos escritos das historiadoras feministas, que torna-se, então, um desafio e uma tarefa primordial na construção do conhecimento fundado em uma epistemologia feminista (LAURETIS, 1994; HARAWAY, 1994). A tarefa é de fazer uma história no feminino onde haja espaço para os registros da experiência lesbiana.

A heterossexualidade compulsória garante o acesso das mulheres pelos homens, que exercem seu poder segundo as oito seguintes características apontadas por Rich: 1) interdição às mulheres de formas de sexualidade fora de seus domínios, por exemplo, a destruição de documentos referentes à existência lesbiana; 2) a sexualidade é imposta de forma que o sadismo hetero é mais importante que a sensualidade homossexual; 3) os homens exploram o trabalho feminino e controlam a produção, através das instituições do casamento e da maternidade nas quais as mulheres são sistematicamente desvalorizadas e exercem trabalho doméstico gratuito; 4) a apropriação e a retirada dos filhos, as esterilizações forçadas, a negação da maternidade lésbica, são alguns dos modos pelos quais os homens roubam as crianças das mãos de suas genitoras; 5) tortura psicológica e liberdade de movimento controlada, o estupro é uma forma que os homens encontraram para exercer terrorismo e interdição das mulheres, assim como a atrofia muscular, a bandagem nos pés, os códigos de vestimentas e outros meios de coibir os movimentos corporais; 6) o uso das mulheres como objeto de trocas, por exemplo, a cafetinagem e o uso das mulheres para expor produtos, o uso de roupas sensuais para exibicionismo público; 7) o corte da criatividade feminina através da caça as bruxas, as mulheres inteligentes ou as curandeiras, a limitação da plenitude feminina ao casamento e à maternidade ou mesmo a censura às tradições femininas; e por último: 8) a retirada das mulheres do domínio de conhecimentos e realizações culturais, como é o exemplo do silêncio da existência lesbiana na história (RICH, 1981: 22-23). O poder masculino é exercido em diferentes domínios e assume formas variadas para o controle e a repressão das mulheres.

⁶ Tradução Livre: “*comment et pourquoi le choix qu’ont fait des femmes d’aimer d’autres femmes comme camarades ou amantes, de partager leur vie, leurs passions, leur travail, ou de vivre en tribu avec elles*” (RICH, 1981: 16).

⁷ Tradução Livre: “*ce choix a été piétiné, invalide, condamné à la clandestinité ou au mensonge*” (RICH, 1981: 16).

⁸ Tradução Livre: “*l’omission – totale ou presque – de l’existence lesbienne dans toutes sortes d’écrits, y compris les études féministes*” (RICH, 1981:16).

Rich é autora fundamental em nossa pesquisa já que faz a crítica da heterossexualidade e recoloca a lesbiandade em uma dimensão política e contestatória da obrigatoriedade do heterossexismo. A radicalidade do pensamento de Rich repousa na sua crítica à obrigatoriedade do relacionamento heterossexual e da maternidade, recolocando as mulheres em seu potencial emancipatório através dos grupos, das organizações de mulheres, expressas na terminologia "*continuum lesbian*", que não se limita a uma relação sexual ou amorosa, mas vai além, indica a união entre mulheres, lesbianas ou não, contra a tirania masculina. Os termos "*continuum lesbian*" e "existência lesbiana" foram criados por Rich como contrapartida da conotação clínica e pejorativa do termo lesbianismo (RICH, 1981: 26-27). Para ela,

A grande questão do feminismo é somente a da "desigualdade dos sexos", da colonização da cultura pelos homens, dos tabus sobre a homossexualidade, ou melhor, não é também a pressão em favor da heterossexualidade para as mulheres, um meio de assegurar um direito masculino aos prazeres físicos, econômicos ou afetivos sobre as mulheres?⁹

A militância, o grupo, a união das mulheres representam um complexo de resistência à escravidão, à violência, ao estupro e às várias formas de dominação masculinas. A divisão sexuada da sociedade serve como justificativa para a dominação e a escravidão das mulheres. Tanto nos escritos de Wittig como no texto de Rich, encontramos a crítica radical ao heterossexualismo como instituição obrigatória, que nega a existência lesbiana por não conseguir enquadrá-la em seus parâmetros. Enquanto as precursoras do movimento feminista dos anos 1960-1970 preocupam-se com a análise dos mecanismos de dominação, as feministas dos anos 1970-1980, a exemplo de Rich, Wittig, Radicalesbians irão questionar a naturalização da maternidade e a heterossexualidade obrigatória. A lesbiandade é elevada ao estatuto de conceito revolucionário.

Embora os movimentos lesbianos no Brasil tenham caminhado timidamente durante o final dos anos 1970, quando saíamos de um regime de repressão política, os anos que vão de 1980 a 1990 marcam uma expansão do movimento. Ao buscar vestígios desses grupos, de suas militantes encontramos um universo rico em experiências políticas e uma visível vontade de contar suas histórias. Outro fato importante no Brasil foi encontrar o arquivo 'Um Outro Olhar' na cidade de São Paulo, este arquivo abriga os primeiros registros das lesbianas através dos boletins, que eram panfletados em bares, locais públicos ou distribuídos entre amigas.

REFERENCIAS

AYALA, F. M. *Se nace mujer o ¿por qué las lesbianas son mujeres?* In: *Las Amantes de la Luna*. México, n.5, segunda época, p.33-35, 2003.

ATKINSON, Ti Grace. *Lesbianisme et féminisme. Odyssée d'une amazone* Paris: éditions des femmes, 1975. p.99-104.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.

BONNET, Marie-Jo. *Le désir théophanique chez Monique Wittig*. Set. 2003, Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/numerospecial>>, Acesso em: nov. 2004.

⁹ Tradução Livre: "La grande question du féminisme est elle seulement celle de 'l'inégalité des sexes', de la colonisation de la culture par les hommes, des 'tabous sur l'homosexualité' ou bien n'est-ce pas aussi celle de la contrainte à l'hétérosexualité pour les femmes, comme moyen d'assurer un droit masculin de jouissances physique, économique et affective sur les femmes?" (RICH, 1981: 26-27).

DESCARRIES, Francine. Teorias Feministas: libertação e solidariedade no plural. In: Textos de História: Revista do Programa de Pós-Graduação em História: Feminismos, teorias e perspectivas. Brasília: UnB, v.8, n.1/2, 2000. p. 9-45.

FRYE, Marilyn. Algumas reflexões sobre separatismo e poder. 1977. In: <http://www.geocities.com/girl_ilga/documentos.htm>, Acesso em: abr. 2003.

HARAWAY, Donna. Um manifesto para os *cyborgs*: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LAURETIS, Teresa. A Tecnologia do Gênero. HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. *When lesbians were not women*. Número especial, set. 2003. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/numerospecial.html>>, Acesso em: nov. 2003.

NAVARRO-SWAIN, Tania. Feminismo e lesbianismo: quais desafios? n. 1/2, Jul/dez. 2002. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/femles.html>>, Acesso em: ago. 2002.

_____. O que é lesbianismo. São Paulo: Brasiliense, 2000.

RICH, Adrienne. *La contrainte à l'hétérosexualité et l'existence lesbienne*. In : Nouvelles Questions Féministes, Paris : Tierce, n.1, p.15-43, mar. 1981.

WITTIG, Monique. *La marca del género*. *La Jornada Semanal*, México, 25 out. 1998. Disponível em: <<http://www.jornada.unan.mx/1998/10/25/sem-monique.html>>, Acesso em: ago. 2005.

_____. O Pensamento Hetero. 1980. Disponível em: <http://www.geocities.com/girl_ilga/documentos.htm>, Acesso em: abr. 2002.

_____. The Straight Mind: and other essays. Boston: Beacon Press, 1992.

Recebido 14/12/06

Aceito 12/06/2007